

SOBRE A GÊNESE DO PENSAMENTO DE LEVINAS: O EROS ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA

Fabio Ciaramelli

Università degli Studi di Napoli Federico II

Tradução de Marcelo Fabri

RESUMO: Nestas páginas, apoiando-me essencialmente nos *Cahiers de captivité* e nos dois esboços de romance inacabados e publicados nas *OEvres completes*, examinarei de que modo, nos seus anos de juventude, Levinas explorou a escrita literária como via de acesso à alteridade radical através de uma descrição narrativa da relação erótica. Porém, suas tentativas de escrever romances permaneceram inacabadas, e a descrição narrativa do eros deu lugar à sua descrição fenomenológica, apresentada na quarta seção de *Totalidade e Infinito*.

Palavras-chave: Literatura, Eros, Alteridade, Fenomenologia, Evasão.

RIASSUNTO: In queste pagine, appoggiandomi essenzialmente ai *Cahiers de captivité* e ai due abbozzi di romanzo rimasti incompiuti e pubblicati nelle *Œuvres complètes*, esaminerò in che modo, nei suoi anni giovanili, Levinas ha esplorato la scrittura letteraria come via d'accesso all'alterità radicale attraverso una descrizione narrativa della relazione erotica. Ma i suoi tentativi di romanzo sono rimasti incompiuti, e la descrizione narrativa dell'eros ha ceduto il passo alla sua descrizione fenomenologica, consegnata nella quarta sezione di *Totalità e Infinito*.

Parole Chiave: Letteratura, Eros, Alterità, Fenomenologia, Evasione.

A alteridade como saída

Em sua totalidade, a obra de Levinas parte da advertência de uma radical expropriação, da qual o hebraísmo europeu teve experiência antes mesmo dos massacres da Segunda Guerra Mundial. O elemento decisivo, que Levinas descobre em seus anos de formação e, sobretudo, no período de prisão, é o fato de que a dissolução do mundo – a derrocada das instituições, das garantias, das regras que fazem humana a vida – não colocava a existência em contato com nada, mas tornava-lhe possível o acesso ao ser em sua concretude. Eis a ideia decisiva que Levinas formula numa passagem fundamental do livro que havia começado a escrever durante a prisão e que publicou em 1947, *De l'existence à l'existant*: “A relação com um mundo não é sinônimo de existência. Esta última é anterior ao mundo. Na situação do fim do mundo, afirma-se a relação fundamental que nos liga ao ser”¹.

É preciso ter bem claro, desde o início, que para Levinas o ser com o qual a derrocada do mundo faz entrar em contato não é nem o fundamento do bem nem a origem do sentido. Ao contrário, o ser – palavra-chave da filosofia ocidental – é subitamente considerado por ele como causa de mal-estar e ausência de sentido. É por isso que se impõe urgentemente a busca de uma saída. A estratégia da evasão do ser em direção ao outro e alhures, sobre a qual Levinas já havia escrito um texto breve, mas muito significativo, em meados dos anos trinta², nasce dessa constatação originária de um desconforto ontológico, que, além de ser o pano de fundo da inquietude da investigação filosófica levinasiana, é também a sua motivação última. “A questão do ser é a própria experiência do ser em sua estranheza. Ela é, portanto, uma maneira de assumi-lo. Por isso, a questão do ser – *o que é o ser?* – nunca obteve resposta. O ser é sem resposta (...). O ser é essencialmente estranho e nos choca. Sofremos seu aperto sufocante como a noite, mas ele não responde. Ele é o mal do

¹ LEVINAS, E.- *De l'existence à l'existant*, Editions de la Revue Fontaine, Paris 1947 (reimpresso por Paris: Vrin, 1979, com a mesma paginação, acrescida de um breve Prefácio), p. 26; *Dall'esistenza all'esistente*, trad. F. Sossi, Marietti, Casale Monferrato, 1986, p. 15.

² LEVINAS, E.- *Dell'evasione* (1935-36), trad. Ceccon, Napoli: Cronopio, 2008.

ser. Se a filosofia é a questão do ser, ela já é assunção do ser. E se ela é mais do que essa questão, é porque ela permite ultrapassar a questão, e não respondê-la. O que pode haver a mais do que a questão do ser não é uma verdade, mas o bem”³. Nas conferências proferidas em 1946-47, no *Collège Philosophique* fundado por Jean Wahl, resumindo num só lance todo um percurso de reflexões, Levinas é mais conciso: “O ser é o mal”⁴

Por conseguinte, desde o início a questão do ser, sobre a qual se debruçou a tradição filosófica dos pré-socráticos até Heidegger, é colocada e enfrentada por Levinas numa perspectiva bem diferente da perspectiva especulativa: não se trata de conhecer um conceito ou compreender uma relação lógica, mas de se dar conta e aprofundar um liame - um aperto, um envolvimento – que constitui, antes de todo conceito e de toda regra lógica, a nossa própria existência. E se trata de fazê-lo mediante uma experiência de escrita extremamente original que alterna referências à literatura e à filosofia, em busca de uma autocompreensão radical da existência pessoal e histórica.

A destruição da intimidade

“Tossia a noite toda. Os abalos que vinham do fundo de mim se me tornavam estranhos, como se eles não tivessem podido partir de mim como seu centro. Eu já os experimentava como abalos do próprio mundo exterior, como terremotos sob a ação de um imenso canhão. Mais tarde, era este golpe de canhão que eu devia sentir. Mas eu pensava que eu sempre tossia”⁵.

³ LEVINAS, E.- *Dall'esistenza all'esistente*, pp. 16-17.

⁴ LEVINAS, E.- *Il tempo e l'altro*, trad. F.P. Ciglia, Genova: Il Melangolo, 1987, p. 32.

⁵ “*Je toussais toute la nuit. Ces secousses qui venaient du fon du moi me devenaient étrangères, comme si elles n'avaient pas pu partir de moi comme de leur centre. Je les éprouvais déjà comme secousses du monde extérieur même, comme (des) tremblements de la terre sous l'action d'un immense canon. Plus tard c'était (le/ce?) coup de canon que je devais entendre. Mais je pensais que je toussais toujours*”, Levinas, E.- *OEuvres complètes*, vol. 1, *Cahiers de captivité et autres inédits*, organizado por R. Calin e C. Chalier, Paris: IMEC Grasset, 2009, p. 149; LEVINAS, E.- *Opere complete*, vol. 1, *Quaderni di prigionia e altri inediti*, organizado por S. Falcioni, Milano: Bompiani, 2011, p. 157. De agora em diante citado diretamente no texto com a

Eis o pesadelo do qual nasce o pensamento de Levinas, expresso nesse fragmento de prisão datado de novembro de 1944, em que ressurge o pesadelo da eternidade e do não-sentido do ser, ao qual outros textos daquele mesmo ano se referem como impossibilidade de reduzir as coisas ao nada.

A descrição da tosse que não passa torna-se uma metáfora que realiza e faz perceber uma continuidade ameaçadora entre interioridade e mundo. O mundo externo é doravante um mundo conturbado e derrubado, caracterizado pela dissolução de todo ponto de referência e pela derrocada de qualquer instituição que garanta a vida pública e o bem comum. É este mundo de cabeça para baixo que repercute na interioridade; o fardo desestabilizador da sua violência destrói a própria intimidade do sujeito. A tosse noturna, incessante, impede o repouso, invade este estado de vigília forçada, anula a consciência e a torna estranha a si mesma.

Levinas é muito rigoroso até mesmo em uma nota como esta. O fragmento começa com o imperfeito, que indica uma ação que dura no tempo, uma ação que se reitera: a tosse persistente e contínua, que impede de dormir, é um aviso do ser irremissível, que oprime e ameaça unicamente pela força de seu subsistir, e torna impossível a ação pontual, a interrupção da continuidade, a liberação da prisão paralisante do definitivo.

Esta continuidade que não cessa não é somente uma metáfora: é o modo concreto através do qual se percebe o estranhamento da consciência, sufocada pelo caráter impessoal do ser, que oprime e ameaça. Levinas o chama de *Il y a*, o “há” do ser, ou seja, o seu dar-se em geral. Muitos anos depois desta nota de 1944, a um entrevistador, que lhe pedia para explicar o tema de fundo da obra *Da existência ao existente*, cuja primeira redação, como já sabemos, remonta aos anos e vivência da prisão, Levinas afirmará: “A minha reflexão sobre este assunto parte de recordações

sigla *OEC* 1, seguido primeiro pelo número da página da edição original, em seguida pelo da tradução italiana (por vezes modificada).

de infância: dorme-se sozinho, para o adulto a vida continua; a criança percebe o silêncio de seu quarto como ‘murmúrio’⁶.

O silêncio que provoca rumor espanta pelo seu anonimato sem rosto. E é assim que emerge, na perda de consistência do mundo ordenado e acolhedor da cotidianidade, o aspecto brutal do ser, sobre o qual a obra filosófica de Levinas não se cansará de interrogar-se. Ou, melhor dizendo, do qual o seu pensamento non se cansará de tomar distância, buscando, para dizê-lo com Eugênio Montale, “um ponto rompido na rede que nos prende”⁷.

A interrogação filosófica de Levinas nasce exatamente para dar espaço e voz a esta busca de uma saída do aperto sufocante do ser. Diferentemente do que ocorre na tradição especulativa da metafísica ocidental, da qual a ontologia heideggeriana é a conclusão, a pergunta de fundo que põe em movimento a sua investigação não é mais “Por que o ser e não antes o nada?”, mas sim “Como o ser se justifica?”⁸.

A recente publicação dos inéditos permite melhor compreender as estratégias através das quais, a partir dos anos da guerra, a obra de Levinas se afastou do domínio do ser. Neste caminho, no itinerário de Levinas, literatura e filosofia, até um certo ponto, caminham juntas. Ambas encontraram no eros uma primeira e decisiva figura através da qual realizar a subversão da teorização (*teoresi*) ontológica.

O eros como primeira saída

Numa nota escrita na prisão, Levinas se refere à própria “obra por realizar (*à faire*)”, distinguindo-a em três partes: uma parte filosófica, uma parte literária e uma parte crítica (*OEC* 1, 74=85). Com a publicação do terceiro volume das suas *Oeuvres*

⁶ LEVINAS, E.- *Ética e Infinito. Dialoghi con Philippe Nemo*, organizado por F. Riva, Troina: Città Aperta, 2008, p. 65.

⁷ MONTALE, E.- “In Limine”, *Ossi di seppia*.

⁸ Cf. LEVINAS, E./PEPERZAK, A.- *Ética come filosofia prima*, a cura di F. Ciaramelli, Linao: Guerini&associati, 1989, p. 59.

complètes, intitulado *Eros, littérature et philosophie*⁹, temos, pela primeira vez, acesso à “parte literária” da obra inédita, contendo dois esboços de romance – o primeiro intitulado *Eros* ou *Triste opulence*, o segundo *La Dame de chez Wepler* -, além de mais de cem páginas de *Ecrits de jeunesse en langue russe* (apresentados em tradução francesa), constituídas prevalentemente por poesia (sobre a qual não vamos nos deter).

O interesse de Levinas pela literatura já era patente e evidente pela análise da obra publicada, a começar pelos seus primeiros escritos, riquíssimos de referências literárias¹⁰. A publicação dos inéditos, além de confirmar esse interesse, mostrando a riqueza e a variedade das suas fontes, nos revela em Levinas uma verdadeira e peculiar prática da literatura.

O primeiro esboço de romance, do qual os organizadores, assim como do segundo esboço, oferecem seja uma “versão contínua”, seja uma “versão genética” (rica de correções e variantes), contém a redação completa de um texto narrativo com título incerto: as notas que remontam aos anos da prisão, publicadas no primeiro volume das *OEuvres complètes*, se referem a elas com o título de *Triste opulence*, mas a ficha em que a segunda parte foi conservada, na qual Levinas continuou a trabalhar depois da guerra, mesmo que em fases alternadas, até a publicação de *Totalité et Infini*, em 1961, se intitula *Eros*. E todavia – como observam R. Calin e C. Chalier no Prefácio ao primeiro volume das *OEuvres complètes* (*OEC* 1, 15 = 21) – pois que alguns papéis em cujo verso Levinas havia anotado fragmentos do romance são manuscritos filosóficos sobre *eros*, não se pode deixar de admitir que a ficha com este título se referisse originariamente a eles, e não ao esboço do romance. A incerteza é

⁹ LEVINAS, E.- *OEuvres complètes*, vol. 3, *Eros, littérature et philosophie. Essais romanesques et poétiques, notes philosophiques sur le thème d'éros*, volume publié sous la responsabilité de J.-L.- Nancy e D. Cohen-Levinas, Paris: IMEC/Grasset, 2013 (de agora em diante citado como *OEC* 3).

¹⁰ A literatura e o hebraísmo são talvez as duas mais importantes fontes extra-filosóficas do pensamento levinasiano, como tentei mostrar em dois dos meus primeiros escritos sobre Levinas, aos quais tomo a liberdade de me referir: CIARAMELLI, F.- “De l'évasion à l'exode. Subjectivité et existence chez le jeune Levinas”; In: *Revue philosophique de Louvain* LXXX (1982)553-578 e Id. “Le rôle du judaïsme dans l'oeuvre de Levinas”, *Revue philosophie de Louvain*, LXXXI (1983)560-580.

aumentada pelo conteúdo deste último, no qual o tema de eros está com certeza presente, mas em posição sem dúvida marginal e, em todo caso, subordinada ao verdadeiro fio condutor das diversas situações nele evocadas, constituído pela vivência de desestabilização e “fim do mundo”, que se propagou pela França no dia seguinte à *débâcle*, no início da segunda guerra mundial. O esboço de romance colhe diversos momentos dela, através de uma exposição contínua na qual a transição de um a outro, a transformação do cenário, a introdução de um novo personagem não são nem intercaladas por divisões, nem tampouco anunciadas ou precedidas por uma preparação narrativa, mas irrompem toda vez sobre a página como um evento inesperado e imprevisto. Como quer que seja, é possível distinguir no texto vários momentos temporais e psicológicos, que vão do “estupor pela *débâcle* até a aflição diante da sociedade de ‘triste opulência’, encontrada no dia seguinte à Liberação”¹¹. A eles sucedem, portanto, sem solução de continuidade, a ocupação, a evacuação, a prisão (primeiramente na França, depois na Alemanha) e, finalmente, o retorno à “normalidade” na Paris de 1945, que, aos olhos de um ex-prisioneiro de guerra – que era justamente o caso de Levinas¹² – aparece como insuportavelmente imperturbável.

O tema do eros e, sobretudo, de seu fracasso é, ao contrário, central no segundo esboço de romance, que possui a mesma ambientação – Paris, início da guerra, a perspectiva da partida para o front – mas no qual a “desordem” e os aspectos do “fim do mundo” são descritos a partir da vivência de um personagem denominado primeiramente Simon, posteriormente Riberat e Roland, que vive a

¹¹ NANCY, J.-L.- *Préface*, OEC 3, p. 23.

¹² Obviamente a biografia de Levinas, no caso destas suas experiências narrativas, desenvolve um papel ainda mais importante do que já ocorre na obra filosófica. Além das referências autobiográficas, contidas essencialmente em LEVINAS, E.- *Difficile liberté. Essais sur le judaïsme*, Paris: Albin Michel, 1976, trad. it. de S. Facioni, *Difficile libertà. Saggi sul giudaismo*, Milano: Jaca Book, 2004, pp. 361-365 (“Firma”); pp. 191-194 (“Il nome di un cane o il diritto naturale”, no qual se lerá o excelente texto de Alain David, “Non d’un chien ou du droit naturel”, in Id., *Reflections on Levinas*, Istanbul: MonoKI Publishing House, 2010, pp. 75-96) e algumas entrevistas (conferir especialmente E. LEVINAS, *Ética e Infinito*, cit.; e MALKA, S.- *Leggere Levinas*, trad. E. Baccarini, Brescia: Queriniana, 1986), podem-se consultar os dois trabalhos biográficos de LESCOURRET, M.-A – Emmanuel Levinas, Paris: Flammarion, 1994 e MALKA, S.- *Emmanuel Levinas. La vie et la trace*, Paris: Jean-Claude Lattès, 2002, trad. It. De C. Polledri, *Emmanuel Levinas. La vita e la traccia*, Milano: |Jaca Book, 2003.

impossibilidade de uma relação erótica satisfatória com a própria esposa, por causa da loucura desta última, e que anteriormente foi amante de uma estudante de província, uma garota vulgar com a qual nem mesmo o sexo permitia superar o tédio; quando, depois, logo no início da guerra, a esposa estiver em tratamento numa clínica psiquiátrica e ele prestes a ir para o front, a solidão faz ressurgir com violência a recordação de uma prostituta de luxo, vista três anos atrás no hall de um grande hotel, com a qual por timidez e falta de dinheiro não pode se relacionar: vai procurá-la no mesmo hotel e não a encontra, mas não desiste; termina entre os braços de uma loira encontrada no “terraço da casa de Wepler”. Com esta busca de sexo pago, vivido como forma de dissolução da liberdade, se fecha o segundo romance incompleto.

A intriga literária como nó de relações e sensações que escapam da garra racional dos conceitos

A leitura dos esboços de romance nos coloca diante do paradoxo de uma escrita narrativa na qual se “transfere” uma sucessão de experiências vividas, que prevalecem sobre a clássica construção da trama. Talvez seja mesmo esta subordinação dos acontecimentos ao nó germinal das vivências que manifesta o sentido propriamente levinasiano da *intrigue*. Mais precisamente, aquilo que nas primeiras linhas do artigo de 1967 sobre “*Langage et proximité*” Levinas teria chamado Narrativa¹³ (*Récit*), parece, aqui, subordinar-se aos desejos, às expectativas, às possibilidades que se sobrepõem às vivências e as subtraem à exposição preliminar e necessária de sua realização. A *intrigue* – o drama – não é portanto construída por

¹³ “Os eventos que se escalonam no tempo e dos quais se toma consciência numa série de atos e de estados igualmente ordenados no tempo, adquirem, através desta multiplicidade, uma unidade de sentido na Narrativa”, LEVINAS, E.- *En découvrant l’existence avec Husserl et Heidegger*, Paris: Vrin, 1967 (2ª ed.), p. 217 (trad. It. In Id. *La tracia dell’altro*, organizada por F. Ciaramelli, Napoli: Pironti, 1979, p. 67).

uma trama de eventos que se orienta para a sua solução, mas pelo eco das vivências que se transpõe para a escritura literária.

Jean-Luc Nancy, no seu belo Prefácio a este terceiro volume, intitulado não por acaso “*L'intrigue littéraire de Levinas*” (OEC, 3, 9-30)¹⁴, no qual se mostra atento e simpatético leitor da gênese literária do pensamento levinasiano, além de alertar para a centralidade e a polissemia deste termo na obra filosófica madura do filósofo de origem lituana¹⁵, vê nele mais um “nó de relações” (OEC 3, p. 15) do que um “nó” de conceitos cuja techedura poderia ser desvinculada de um discurso sistemático. Mais precisamente, a *intrigue littéraire* – a trama literária – para a qual Nancy chama a atenção consiste no “nó das sensações”, que, no entanto, permanece destituído de “solução” (em francês, a imagem funciona melhor: Nancy fala de fato em *noeud des sensations, au fond sans “dénouement”*¹⁶), não apenas porque a narração permanece inacabada, mas sobretudo porque aquilo que realmente conta é a sucessão das instantaneidades das vivências, que não têm necessidade de culminar numa síntese conceitual, visto que já são significativas em sua própria disseminação.

A intriga não é, portanto, a trama de uma narrativa cuja história o andamento mostrará, mas a modalidade através da qual múltiplos acontecimentos se encenam, cujo sentido emerge de sua irrupção, ou seja, em última análise de sua própria singularidade. A intriga é desse modo o envolvimento das vivências em “situações” determinadas, das quais a escrita literária mostra as condições de possibilidade, além de descrever o conteúdo, feito essencialmente por sensações, emoções, desejos e também de idiosincrasias ou aborrecimentos. Na sua articulação – ou, melhor dizendo, na *percepção (avvertimento)* de sua articulação, na recaída que a sua

¹⁴ Além deste texto de Nancy, uma primeira apresentação e discussão dos materiais publicados neste terceiro volume pode ser encontrada numa longa recensão de Paula Lorelle, legível também on-line no seguinte endereço: <http://www.actu-philosophia.com/spip.php/article522> (consultada em 11 de janeiro de 2015).

¹⁵ O próprio Nancy relembra oportunamente que Miguel Abensour, recentemente, recorreu a esta mesma noção para o título de seu livro-entrevista com Danielle Cohen-Levinas: cf. ABENSOUR, M.- *Emmanuel Levinas. L'intrigue de l'humain*, Paris: Hermann, 2012, trad. It. De G. Pintus, *Emmanuel Levinas: l'intrigo dell'umano. Dialoghi con Danielle Cohen-Levinas*, Roma: Inschibboleth, 2013.

¹⁶ OEC, 3, p. 23.

articulação produz no *sensus sui* – se deixa colher o evento inaugural da existência subjetiva: experiência de si mediante o encontro com o outro de si. E este encontro é eros.

Uma perplexidade teórica

Penso, todavia, que a essas intenções não corresponde, nos dois esboços de romance, uma adequada *encenação narrativa*. E talvez a própria indeterminação do título do primeiro esboço pressupõe provavelmente uma perplexidade teórica. Como pensar e articular, nessas primeiras redações de experiências narrativas que permaneceram inacabadas, a relação entre “a dissolução das referências da certeza”¹⁷ provocada pela guerra e as descrições da dimensão erótica da existência? Na realidade, as referências ao eros e às suas implicações parecem discordantes entre si e, sobretudo, discordantes com respeito às características fundamentais da relação erótica, filosoficamente descritas tanto neste mesmo volume de inéditos quanto no conjunto das obras publicadas por Levinas (a partir de *De l'existence à l'existant* até *Totalité et Infini*). Como se verá mais detalhadamente a seguir, no primeiro esboço de romance se observa o despertar do desejo erótico em duas situações diversas: na primeira, o protagonista é um soldado do front que, durante um bombardeio, se abriga em um refúgio, onde num ângulo retirado se vê ao lado de uma estudante de liceu; posteriormente, entretanto, evoca-se a experiência de um grupo de prisioneiros de guerra aglomerados num caminhão rebocador, que passam diariamente diante de um edifício no qual se alojam jovens auxiliares da aviação alemã: e é neste contexto que, para os prisioneiros, um certo objeto feminino – um pulôver ou um par de meias estendidas para serem enxugadas, ou até mesmo uma roupa íntima de

¹⁷ A formulação é de Claude Lefort (*dissolution des repères de la certitude*), e se aplica bem à situação que estamos descrevendo, mesmo se originariamente se refira ao acontecimento da democracia, no momento em que a sociedade moderna rompeu sua dependência de um fundamento extra-social (cf. LEFORT, C.- *Ecrits sur le politique XIX et XX siècles*, Paris: Seuil, 1986, p. 29).

mulher deixada ali por acaso¹⁸ – ou uma simples cena de vida cotidiana – uma jovem que se penteia e que se entrevê pela janela – adquire imediatamente uma tonalidade erótica. Se, porém, ao lado da estudante de liceu o soldado do front sente o desejo erótico renascer em si como superação da solidão e possibilidade de uma relação, no caso dos prisioneiros que passam diante da casa das jovens alemãs, mais do que eros, o que se desperta neles é unicamente a autorreferencialidade da necessidade sexual. Como se, no quadro da experiência desumanizante de perda do mundo e do sentido, que se realiza lentamente na prisão em terra estrangeira, também o eros humano perdesse força, e o desejo, por sua vez, se transformasse em mera necessidade ou impulso sexual, reduzindo-se à animalidade.

Impressão de fracasso que será confirmada no segundo esboço de romance, onde se lê que o protagonista conservou, por trinta e quatro anos, a timidez da adolescência: para ele o sexo permanece alguma coisa de escandaloso, que se impõe como uma premência. Envergonha-se de sair à procura do prazer noturno, é reconhecido na rua por seu secretário que tem fama de mulherengo, mas desta vez está em companhia da própria família; além disso, apenas nas últimas linhas do texto Levinas o descreve tranquilizado, quase livre de seus complexos. A este ponto, enquanto sua esposa se recuperava numa clínica psiquiátrica, Riberat traz no bolso a carta de convocação para o front: ele “é simplesmente um homem forte que sai para se divertir” (*OEC* 3, 127). Decidido, se aproxima de uma loira que lhe fala docemente. Não se dirigem a um hotel, mas entram numa casa de Montmartre. A lixeira no hall de entrada, a escada sem tapete, porém limpa e encerada, o fedor do antigo apartamento do quarto andar, a porta entreaberta da cozinha com os restos do jantar, tudo isto tranquiliza o protagonista, que poderá então consumir a sua porção de sexo pago.

¹⁸ Esta referência à roupa íntima não está contida no esboço de romance, mas em uma das notas de prisão: “Passa-se diante de uma casa talvez abandonada – uma peça íntima de mulher suspensa entre as cadeiras abandonadas – emoção – o mesmo que se sente em relação à aviadora que se penteia” (*OEC* 1 115 = p. 115). A nota faz referência a uma precedente, também da prisão, posteriormente desenvolvida no esboço de romance: “As aviadoras. Uma jovem. Penteia-se. O caráter quase obsceno deste ato” (*OEC* 1 98 = p. 108).

Em suma, nos dois esboços de romance, o único modo para viver o eros é excluí-lo, torná-lo rotina, eliminar dele o pathos de um encontro com a alteridade desestabilizadora. O que falta a estas páginas é um balanço narrativo do desejo como dimensão relacional da ipseidade sexual, sobre a qual, contrariamente e na mesma época, Levinas insiste nas notas filosóficas sobre eros, nas quais o nexos entre ipseidade e sexualidade é central. “É esta aparição de outrem enquanto tal que é o acontecimento mesmo da ipseidade do eu; uma abertura original sobre outrem que é o fundo mesmo de sua ipseidade. Chamaremos esta abertura do eu para outrem de sexualidade do eu. A sexualidade é constitutiva do eu – a hipóstase é essencialmente sexual” (*OEC*, 3, 177).

O mundo estilhaçado e desordenado

Como quer que seja, os dois esboços de romance apresentam um único esquema no qual são rapidamente fixados alguns flashes que põem em cena de forma narrativa a mesma experiência de que parte a análise filosófica da obra já evocada *De l'existence à l'existant*, em cujo primeiro capítulo se lê o seguinte: “Expressões como ‘mundo quebrado’ (*cassé*) ou ‘mundo abalado’ (*bouleversé*) tornaram-se correntes e banais, mas nem por isso exprimem menos um sentimento autêntico. A divergência entre os acontecimentos e a ordem racional, a impenetrabilidade recíproca dos espíritos, opacos como a matéria (...) são tantas constatações que, no crepúsculo de um mundo, despertam a antiga obsessão do fim do mundo. Despojado de toda reminiscência mitológica, este termo exprime um momento do destino humano cuja análise é capaz de apreender a significação. Trata-se de um momento-limite que comporta, por esta mesma razão, ensinamentos privilegiados, pois, ali onde o jogo perpétuo de nossas relações com o mundo está interrompido, não se encontra – como erroneamente se poderia pensar – a morte, nem o ‘eu puro’, mas o fato anônimo do ser. A relação com um mundo não é sinônimo de existência. Esta última é anterior

ao mundo. Na situação do fim do mundo, afirma-se a relação primeira que nos liga ao ser”¹⁹.

O conteúdo da obra filosófica e da obra literária inacabada é, portanto, o mesmo. Muda o método de trabalho, que nos romances visa fazer aparecer o acesso ao ser e a implicação lógica que ele comporta enquanto colocação em jogo da “situação” concreta das vivências, tal como ela emerge da instantaneidade que as colhe em sua singularidade, no seu isolamento, na sua particularidade de imagem separada do contexto. Esta referência à “situação” aparece na única indicação que, nesses inéditos, diz respeito à atividade literária de Blanchot, de quem Levinas tornou-se amigo desde os anos universitários de Strasbourg. Ei-lo (o texto de Levinas parece remontar a 1947, quando Blanchot já havia publicado seus primeiros romances): “A situação de Blanchot: nem romance de aventura, nem romance psicológico, nem romance alegórico – mas situação com uma implicação lógica específica” (*OEC I*, p. 188=p. 194).

Também para Levinas a intriga literária não terá como objetivo a construção de uma sincronia de eventos, mas buscará fazer emergir o não-sentido de um mundo às avessas em seu próprio estranhamento. Por essa razão, sua escritura narrativa, na qual personagens, cenas e ambientações se sucedem como numa única sequência, lembra um roteiro de um filme de cinema. É o próprio Levinas que, numa nota intitulada “*mes procédés littéraires*” indica os “estratagemas literários” aos quais pretende recorrer em sua obra de os “*procédés du film*”, obtidos mediante uma montagem de palavras no intuito de evitar essas pesadas descrições que minha mão não se anima a fazer (*pour lesquelles ma main ne se leve pas*) e, além disso, mediante aquela que ele chama de “preocupação em *Aufmachung*” (*OEC I*, p. 195=200-201). Sobre esta noção de *Aufmachung* – que se pode traduzir por “apresentação” – seria

¹⁹ *De l'existence à l'existant* (1947), Paris: Vrin, 1979, pp. 25-26; *Da l' esistenza all'esistente*, trad. F. Sossi, Genova: Mariette, 1986, p. 15. Marcelo Fabri parte daqui em sua atenta reconstrução do tema do fim do mundo na obra (publicada) de Levinas (cf. “Una rilettura apocalittica di Levinas”, in: *Apocalisse e post-umano. Il creposcolo dela modernità*, organizada por P. BARCELLONA, F. CIARAMELLI e R. FAI, Bari: Dedalo, 2007, pp. 183-195).

necessário citar *in extensu* a riquíssima nota que R. Calin e C. Chalier redigiram para os *Carnets de captivité* (OEC I, p. 484=pp. 489-490), na qual, para começar, fazem observar que se o termo ou o conceito de *Aufmachung* não aparece na obra publicada, está, todavia, bem presente nela a “coisa” à qual se refere, vale dizer, aquele modo próprio de apresentação dos objetos mediante o primeiro plano das suas imagens, que constitui o específico do cinema. De fato, em *De l’existence à l’existant*, após ter defendido que a arte em geral consiste na substituição do objeto por sua imagem²⁰, destacando-o desta sorte de seu uso intramundano mediante a atenção visual direcionada exclusivamente para sua forma, Levinas explica: “O cinema obtém os mesmos efeitos mediante o primeiro plano”, conseguindo dar uma existência isolada a um aspecto específico o qual, contrariamente, na realidade efetiva, é apenas parte de um todo²¹. Nos cadernos de prisão o cinema é chamado de “arte da *Aufmachung* e do ponto de vista; e logo após se acrescenta: “Assim como os impressionistas descobriram a luz, o cinema descobriu as variações do ponto de vista (OEC I, p. 102=p. 111). A *Aufmachung* se compreende, portanto, como apresentação *visual* do objeto, comportando uma ênfase especial sobre seu aspecto ou aparência exterior, que por isso é posta em relevo ou – mais exatamente – em primeiro plano. Este procedimento cinematográfico transita pela página literária de Levinas dando-lhe como objetivo a descrição sóbria da situação real, que só indiretamente é evocada mediante o primeiro plano de uma imagem singular, à qual ou ao qual se solicita a tarefa de colocar em cena a “relação fundamental que nos liga ao ser”.

A ruína da França e o seu significado

²⁰ Sobre as análises levinasianas da arte chamo a atenção para o importante artigo de 1948, publicado em *Les temps modernes*, intitulado “La réalité et son ombre”, já disponível em LEVINAS, E.- *Les imprévus de l’histoire*, préface P. Hayat, Montpellier: Fata Morgana, 1944, pp. 123-148. Seja-me permitido chamar a atenção também para meu artigo “L’appel infini à l’interprétation. Remarques sur Levinas et l’art”, in: *Revue philosophique de Louvain* XCII (1994) 32-52, posteriormente traduzido para o inglês – numa versão ligeiramente diferente – por A. Noor: cf. CIARAMELLI, “The Infinite Call to Interpretation. Remarks on Levinas and Art”, in: *Naharaim* VI (2012), n. 2, pp. 352-368.

²¹ Cf. LEVINAS, E.- *De l’existence à l’existant*, p. 88; trad. It. P. 48.

O esboço do primeiro romance descreve a “situação” do fim do mundo associada à ruína da França cuja notícia se difunde e se generaliza após “os primeiros nove meses de guerra” (*OEC* 3, p. 37). Uma anotação semelhante pressupõe um contexto ou um pano de fundo que pode escapar ao leitor italiano, mas que era e provavelmente ainda permanece dotado de uma evidência imediata para o público francês. Aqui Levinas se refere àquela espécie de intervalo entre a paz e a guerra propriamente dita que foi a experiência da “estranha guerra (*drôle de guerre*)”, iniciada na França no dia 1º de setembro de 1939 com a mobilização geral (logo após a ocupação alemã da Polônia) e terminada a 10 de maio de 1940, quando os nazistas invadiram a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo, dando início à ofensiva contra os aliados franco-britânicos.

Em maio de 1940 terminam portanto “os primeiros nove meses da guerra”, aos quais Levinas se refere na primeira página do seu romance inacabado e aos quais faz referência também *La Dame de chez Wepler*, desde o momento em que o protagonista Riberat recebe, exatamente em maio de 1940, três semanas depois da recuperação de sua mulher numa clínica psiquiátrica, a ordem para encontrar o seu batalhão no front (*OEC* 3, p. 118). E é então que, no curso de poucos dias, a guerra de que tanto se falou, mas que não havia modificado os hábitos e as certezas do francês médio, torna-se imediatamente uma realidade²². Aqui há uma diferença entre os dois esboços de romance. No segundo, com respeito à loucura da própria esposa e à desordem radical que isto representa, a experiência da guerra possui um caráter de “realidade estável, tangível, inteligível” (ivi). A esta experiência particular e pessoalíssima se contrapõe, em *Eros* ou *Triste opulence*, a experiência coletiva da ruína da França. A fim de descrever a passagem brusca de uma cotidianidade ainda

²² O modo de olhar do naturalizado (Levinas, que nasceu na Lituânia em 1906, segundo o calendário gregoriano, chegou à França nos inícios dos anos vinte, tendo obtido a cidadania francesa dez anos depois) é talvez o motivo fundamental pelo qual esses esboços fazem lembrar as atmosferas de certas páginas escritas na mesma época por Irène Némirovsky (penso, sobretudo em *Les biens de ce monde*, traduzido em italiano com o título: *I doni della vita*, mas também no inacabado *Suite française*).

caracterizada pela persistência confortante de hábitos familiares à desestabilização repentina da guerra, Levinas, neste primeiro esboço de romance, recorre à sequência de “primeiros planos” da partida para o front, das primeiras experiências no front e da fuga. Assim, a vivência de um mundo posto de ponta-cabeça adquire um aspecto filosófico forte, tornando-se acesso privilegiado à perda do sentido do ser que nas últimas notas de prisão equivale ao “mal pelo próprio fato de ser” (*OEC* 1 52= p. 64). Não por acaso, a propósito de um dos personagens que vive este abalo, se diz que “nascia para ele uma nova sabedoria. Pela primeira vez abria os olhos para um mundo no qual a névoa havia desaparecido. Atingiam-se as coisas elas mesmas (*Il lui naissait une nouvelle sagesse. Il ouvrait por la première fois les yeux sur un monde dont se sont levés tous les brouillards. On atteignait les choses elles-mêmes*) (*OEC* 3, p. 47).

Levinas está sempre pronto a destacar as recaídas “ontológicas” da experiência de radical desestabilização vivida com a guerra e narrada sobretudo na primeira tentativa de romance. Nos cadernos de prisão ele explica que a queda da França, da sua oficialidade, dos seus símbolos “diz respeito também às coisas. As coisas se decompõem, perdem o seu sentido” (*OEC* 1, p. 132= p. 140). Isto se vê claramente nas primeiras páginas de *Eros ou Triste opulenza*, em que Paul Rondeau, tradutor militar, encontra-se em vias de deixar o escritório parisiense para ir ao front e ali, constatando ao vivo o inesperado esfacelamento de seu país, perde subitamente as suas certezas sobre um mundo considerado protetor e seguro, porquanto “guiado pela razão”. A fim de mostrar o efeito de perturbação que a guerra provoca em Rondeau, exemplo de francês comum e até então bem garantido no seu mundo, Levinas procura descrever a situação psicológica e afetiva que a chegada da guerra – isto é, a passagem da “guerra alheia” à verdadeira guerra – interrompe. Vale a pena traduzir algumas linhas:

“O que é a França? Uma imensa estabilidade. Todas as formas da vida juntas em sua plenitude, como frutos eternamente maduros num pomar miraculoso. Perfeição de um povo sedentário livre de toda lembrança da existência nômade. Os hábitos mais cotidianos transmitidos em cada gesto, e cada movimento invariável como num rito”. (*OEC* 3, p. 38). Pouco depois, o texto continua assim: “Oh país

onde nenhuma catástrofe impedirá que os funcionários públicos possam ter sua aposentadoria garantida, onde as conquistas da civilização são de tal modo interiorizadas que parecem eternas e imutáveis como a natureza, como as cidades que um francês percebe como paisagens, como Paris obedecendo a um ritmo de fluxo e de refluxo, e que por vezes à noite, com sua multidão, suas luzes e o seu movimento transmite à alma algo daquela sensação elementar de exuberância, de frescor que vos envolve numa manhã de maio, numa estrada ensolarada no ângulo de uma floresta ou diante do oceano (*Ô pays où aucune catastrophe n'empêchera les fonctionnaires de toucher leur retraite, où la vie civilisée arrive à une telle possession d'elle-même qu'elle se sait aussi éternelle, aussi immuable que la nature, comme ces villes qu'un Français ressent comme des paysages, comme Paris obéissant à un rythme de flux et de reflux et qui parfois le soir avec sa foule, son éclairage et son mouvement donne à l'âme quelque chose de ce touffu, de ce frais, de cet élémentaire qui vous saisit un matin de mai sur une route ensoleillée au coin d'une forêt ou au bord de l'océan*)” (Ibid.).

Como se vê, não se trata de descrever a objetividade de um evento histórico, mas de aprofundar as implicações do seu significado na vivência subjetiva. E é a partir deste cume que a reflexão se faz mais aguda: “Como admitir a guerra? Não precisávamos apenas de veículos armados, de aviões e de projetos do estado maior. Apesar da proximidade da guerra de 1914 que, mesmo tendo eliminado milhões de homens, não eliminou nenhum costume, faltava-nos a percepção mesma da guerra. A de 1914 devia ser a última guerra, e até mesmo os mais realistas estavam convencidos disto, os mais hostis às ilusões pacifistas. A guerra foi possível em outros tempos, como os milagres da História Santa, nos quais talvez possamos crer, mas que estamos certos de não mais rever numa natureza doravante domesticada. A guerra é possível também em algum lugar muito distante, na China, no Egito, na Etiópia, talvez na Espanha, mas não entre nós, não na França, não hoje em dia. Quando a guerra chegou, ela continuava a nos aparecer como um imenso exercício militar, como operações nas quais, apesar da severidade da encenação, usavam-se apenas cartuchos vazios” (OEC, 3, p. 39).

Quando passa a descrever a experiência da ocupação, do front e da prisão, a escrita de Levinas não pretende lhes reconstituir a fisionomia mediante a recolha de documentos ou testemunhos. O seu modo de proceder consiste no abarcar as “situações” nas quais experiências se enraízam mediante alguns instantes, capazes de agigantar um aspecto da vivência e de torna-lo, pelo seu significado intrínseco, emblemático e paradigmático. Nesse sentido, o instante mais importante é aquele que, nos cadernos de prisão, é evocado várias vezes como a “Cena de Alençon”, consistindo em retratar a imagem do velho e imponente castelo saqueado e reduzido a ruínas. A cena de Alençon retorna nos sonhos do prisioneiro Weil como símbolo que evoca a derrota da França e, por conseguinte, o esvaimento do mundo. “O barulho das cortinas ornamentais que caíam (*le bruit des draperies qui tombaient*) não o abandona e o segue como um pesadelo (...). No amplo espaço do mundo ficaram somente os móveis nus, as colunas nuas, com traços marcantes. As cortinas – era isto a pátria” (*dans la vaste salle du monde ne restaient que les meubles nus, les collones nues, aux lignes dures. La draperie – c’était cela la patrie*)” (OEC, 3, p. 49). Desde então, nada mais é como antes. “E eis que ninguém podia mais representar algum papel em meio ao barulho das cortinas que caíam em redor” (...). Nada mais havia que fosse oficial” (Ibid.). Nos cadernos de prisão, entre as muitas passagens que fazem referência a isso, é interessante ler esta nota: “Triste opulência – a cena de Alençon, na qual caem todas as cortinas ornamentais – o tema da ‘Ressurreição’: de que modo os homens que ora aparecem sem roupagem oficial puderam julgar, condenar, etc. Não é a situação de derrocada dos valores que desejo descrever – da mudança de autoridade – mas aquela na nudez humana, da ausência de autoridade”²³.

A profundidade desta desestabilização fará sentir seus efeitos até mesmo ao fim da guerra. No dia seguinte à Liberação, o soldado que viveu a experiência do front e da prisão não se adapta facilmente a uma normalidade carente de memória.

²³ “Triste opulence – la scène d’Alençon où les draperies tombent – le thème de ‘Résurrection’: comment les hommes qui apparaissent maintenant sans draperies officielles ont-ils pu juger, condamner, etc. Ce n’est pas la situation de renversement des valeurs que je veux décrire – du changement d’autorité – mais de la nudité humaine de l’absence d’autorité” (OEC, 1, p. 146=p. 153).

A vida cotidiana recomeça, e é então que o ex-prisioneiro encontra incrédulo uma Paris que não sofreu mudança. “A fidelidade dos edifícios, das árvores e quase mesmo das pedras à recordação que Jean-Paul tinha deles era insuportável. As coisas se delineavam na sua impassível estabilidade” (*OEC* 3, p. 54).

A vida burguesa, que aparece insossa e vazia, depois de cinco anos de prisão. E tudo aquilo que ele vê na Paris que voltou à normalidade, encontra na recordação do campo de prisão a própria unidade de medida. Emblemática é a reflexão do ex-prisioneiro sobre os anúncios publicitários que cobrem a cidade no frenesi do imediato pós-guerra. Nesses anúncios sobressaem “rostos que vivem uma vida eterna em meio a utensílios. Jules encontrava, diante da sua insolente plenitude de felicidade, os instantes vividos nas tendas do campo de prisão, nas quais, não longe dos campos de concentração e dos fornos crematórios, folheando as páginas publicitárias da *Ilustração* que chegava imperturbavelmente de Paris, se informava sobre as vantagens de uma nova marca de cozinha” (*OEC* 3, p. 56). Certo, a guerra havia terminado, ele estava livre novamente e em casa, mas a sociedade da qual se esforçava para “se tornar membro” (*Ibid.*) lhe aparecia totalmente sem vida. O tão esperado pós-guerra lhe abria “um mundo em que tudo se esfacelava e em que não se podia mais nem satisfazer as próprias ambições nem lutar pela vida (*un monde où tout se craquait et l'on n'avait plus ni à satisfaire d'ambition, ni à lutter pour la vie*)”: uma existência sem tensão, um mero “sobreviver” (*OEC* 3, p. 57).

Algo semelhante é a experiência vivida pelo protagonista do segundo esboço de romance. Para ele, como já vimos, “aquilo que estava em desordem e correspondia verdadeiramente ao fim do mundo” era “a loucura de sua esposa” (*OEC* 3, p. 118). Ele já havia conhecido uma semelhante desordem aos vinte anos, por ocasião de uma relação amorosa com uma jovem de província, que possuía trajes íntimos de cor negra, dotada de virtude e leituras exaltantes, e se esforçava para viver os romances que tinha lido, mas “Riberat se entediava em meio a tantas manifestações do sublime. Não que fosse indelicado, apenas lhe faltava amor. Não desejava feri-la com um bocejo” (*OEC* 3, p. 119).

O eros desfigurado

Passemos agora a examinar mais detalhadamente as situações nas quais se colocam em cena o eros ou o seu fracasso. Já sabemos que o desejo sexual aparece pela primeira vez quando se realiza o “vazio vertiginoso” da derrocada. “*Plus de France. Elle est partie en une nuit, comme une immense tente de cirque, laissant une clairière parsemée des quelques débris*” (A França não mais existe. Desapareceu numa noite, como uma enorme tenda de circo equestre, deixando um campo vazio, salpicado de alguns destroços) (OEC 3, p. 43). Portanto, desde então “tudo é permitido” (OEC 3, p. 44): e o repentino despertar do desejo parece encontrar no fim das instituições uma condição favorável. “Tudo é permitido. Com o aparecimento de alguns aviões supostamente inimigos, Jules entrou no abrigo (...). Ele estava ao lado de uma estudante de liceu num canto recôndito da trincheira, sentiu com alegria renascer nele do desejo sem ambiguidade, sem pathos, simples como a pureza. Todo o peso de seu exasperado patriotismo, de suas angústias pelo destino do mundo em jogo dissolveu-se como se ele tivesse saído de uma armadura de cavaleiro medieval para o ar livre, depois de semanas caminhando pesadamente. O seu companheiro de quarto ainda não havia terminado de escrever a carta que talvez fosse a última... Desde então encontraremos na felicidade pessoal consolo para os infortúnios da pátria” (*Tout est permis. Jules descendit à l’abri à l’apparition des quelques avions prétendument ennemis (...). Il était à coté d’une lycéene dans un coin perdu de la tranchée et senti avec joie renaître en lui le désir sans ambiguïté, sans pathétique, simple comme la pureté. Tout le poids de son patriotisme exaspéré, de ses angoisses pour le destin du monde que se jouait, a fondu, comme s’il était sorti à l’air pure d’une armure de chevalier médiévale, où depuis des semaines il marchait lourdement. Son voisin de lit n’avait pas déjà écrit chez lui le courrier qui fut probablement le dernier... Et désormais nous trouverons dans le bonheur personnel consolations aux malheurs de la patrie*) (OEC 3, p. 44).

O que aqui acontece a Jules é o despertar da própria sexualidade, cujo papel permanece ambíguo em relação ao desmoronamento das instituições descrito antes: permanece indeterminado se esse despertar constitua uma espécie de *tentação* que se

tornou possível com o desabamento das convenções da civilização que reprimia o desejo, ou se deva ser compreendido como um antídoto à atmosfera de morte que envolve a situação de fim do mundo.

O que quer que se pense desta ambiguidade, aparece completamente diversa a situação que se verifica no contexto da prisão em terra estrangeira. Aqui, como já foi observado, segundo a técnica “cinematográfica” do primeiro plano, Levinas mostra algumas imagens de objetos desvinculados de seu uso possível, mas que se tornaram significativos por causa de seu pertencimento à cotidianidade feminina, que exatamente por isso despertam o desejo sexual nos prisioneiros.

“O caminhão dos prisioneiros passava perto de Fallingbommel onde se encontrava uma barraca de jovens alemãs auxiliares em algum serviço do exército. Sabia-se que as jovens mulheres moravam ali – pois, passando diante da casa fechada, acotovelava-se sobre o caminhão para admirar um pulôver secando ao vento e, às vezes, uma peça íntima. Mas no dia em que, através de uma janela aberta, notou-se uma jovem que penteava os longos cabelos, tinha-se a impressão de uma indecência ou de um sonho, de uma poesia aguda e dilacerante, da beleza que causa dor. Algo mais forte que a Lorelei²⁴, mas não mais alto. Junção de uma grande beleza com uma baixeza. Essas coisas úteis, um pente usado para desfazer o embaraço dos cabelos, necessário como um martelo para fixar um prego ou como uma faca para cortar um pedaço de pão, como aquelas meias que aquecem ou impedem que os sapatos irrite ou machuquem a pele e que, no uso cotidiano, são manuseadas com a precisão e a sobriedade do médico, não tinham mais nada da sua casta essência de utensílios. Uma outra essência as atravessava, as recobria: aquela que as conduzia ao mundo canibal do erotismo” (*OEC* 3, p.50-51).

No que diz respeito à descrição narrativa tomada aqui como exemplo, bem diferente é a análise fenomenológica do eros que Levinas oferece em *De l'existence à l'existant*: “A própria positividade do amor encontra-se em sua negatividade. A sarça

²⁴ Alusão a uma famosa poesia de Heinrich Heine, em que uma belíssima jovem, sentada sobre a rocha Lorelei, penteia seus cabelos loiros e, como se fora uma sereia nórdica, encanta o barqueiro que passa, causando seu naufrágio por entre as pérfidas águas do Reno.

que alimenta a chama não se consome. A perturbação que se experimenta diante do ser amado não precede unicamente o que, em termos econômicos, se chama posse, mas se encontra na própria posse. Na confusão das carícias, há a admissão de um acesso impossível, de uma violência colocada em xeque, de uma posse recusada (...). *Outrem* é exatamente esta dimensão sem objeto. A volúpia é a perseguição de uma promessa sempre mais rica (...). Não há ponto de chegada, não há término previsto (...). A volúpia consome tempo puro que nenhum objeto preenche nem delimita”²⁵.

Nesta mesma linha, na “Fenomenologia do eros” de *Totalité et Infini*, Levinas chegará a escrever: “*Rien ne s'éloigne davantage de l'Eros que la possession(...). La volupté s'éteindrait dans la possession* (Nada se distancia mais do Eros que a posse. A volúpia se extinguiria com a posse)²⁶. “*La volupté commence déjà dans le désir érotique et reste, à tout instant désir. La volupté ne vient pas combler le désir, elle est ce désir même*” (A volúpia já começa no desejo erótico e permanece a todo instante desejo. A volúpia não vem saciar o desejo, mas é este desejo mesmo)²⁷.

Voltemos à versão assimiladora da sexualidade posta em cena em *Eros ou Triste opulence*; aqui se narra a essência “canibal” do erotismo enquanto destruição da alteridade, o que termina por tornar o desejo impossível, o qual só pode viver relacionando-se a uma alteridade que escapa à posse. O primeiro plano focalizado por Levinas neste caso surge como *negação* do erotismo, mais do que a sua descrição narrativa: “*Ici tout est comme à manger dans l'indistinction de son agglomération massive – de peau élémentale*” (aqui é como se tudo fosse feito para se comer na aglomeração de sua indistinção bruta – de pele elemental) (*OEC*, 3, p. 51).

As situações eróticas postas em cena no esboço de romance parecem por isso anular a diferença entre eros e necessidade, sobre a qual se detêm muitas vezes, em com grande clareza, os cadernos de prisão, onde, por exemplo, podemos ler: “O que distingue a necessidade (*besoin*) do *eros* – é que a necessidade é um intervalo

²⁵ *De l'existence à l'existant*, p. 66; trad. it. P. 37.

²⁶ *Totalité et Infini*, p. 243; trad. it. p. 273.

²⁷ *Totalité et Infini*, p. 237; trad. it. p. 267

transposto (*franchi*), em que a dualidade desaparece. Assimilação do mundo externo por parte do sujeito. Toda necessidade satisfeita é, em primeiro lugar, saciedade, o fato de se ter comido. Primado do comer(...). É este o significado do gozo na necessidade. No *eros*, a dualidade é o próprio gozo. O intervalo não é somente superado – é sempre a ser superado” (*OEC* 1, 120=129-130).

No “mundo canibal do erotismo”, no qual estão imersos os prisioneiros de guerra, não parece haver espaço para o desejo erótico como acesso primordial à alteridade: um acesso que não procura consumi-la e, por isso, não a esgota, encontrando nesta impossibilidade da posse a própria satisfação (isto é, o prazer ou a volúpia, essenciais ao *eros*). O fato de Levinas insistir sobre a percepção – por parte dos prisioneiros – do caráter quase obsceno de um gesto como aquele da jovem que se penteia, de escrever, por exemplo, “não falemos levemente daqueles pentes” (*OEC*, 3, p. 50), significa no fundo uma drástica redução narrativa da ambiguidade fenomenológica da qual o desejo erótico é a contrapartida, e sobre o qual tanto insiste a sua investigação filosófica que desemboca em *Totalité et Infini*. No parágrafo intitulado “A ambiguidade do amor” que neste livro precede (e introduz a) a “Fenomenologia do eros” e que com ela e alguns parágrafos constitui a seção final da obra, emblematicamente intitulada “Para além do rosto”, se diz o seguinte sobre o desejo erótico: ele “*se brise et se satisfait comme le plus egoïste et le plus cruel des besoins*” (se interrompe e se satisfaz como o mais egoísta e a mais cruel das necessidades); mas se esclarece, logo a seguir, que ele, exatamente como “*mouvement sans cesse relancé, mouvement sans terme vers un futur, jamais assez futur*” (movimento que recomeça sem cessar, movimento sem fim em direção ao futuro, nunca futuro o bastante” (*TI* 232 =261), não se reduz à necessidade. Por isso, em virtude dessa “simultaneidade da necessidade e do desejo” (*TI* 233 =262), “*l’amour reste rapport avec autrui, vivant en besoin; et ce besoin présuppose encore l’extériorité totale, transcendante de l’autre, de l’aimé (...). Joissance du transcendant presque contradictoire dans ces termes, l’amour ne se dit en vérité ni dans le parler érotique où il s’interprète comme sensation, ni dans le langage spirituel qui l’élève au désir du transcendant*” (o amor permanece relação com

outrem convertendo-se em necessidade; e esta necessidade pressupõe ainda a exterioridade total, transcendente do outro, do amado (...). Fruição do transcendente, quase contraditória nos seus termos, o amor não se diz na verdade nem no falar erótico, em que ele se interpreta como sensação, nem na linguagem espiritual, que o eleva ao desejo do transcendente) (*TI 232-3 =262*).

Provavelmente, é exatamente a perda do mundo enquanto desfalecimento dos significados que protegem a humanidade do homem, que a colocam no abrigo das instituições, que torna impossível, nos experimentos narrativos, a salvaguarda da dualidade de que vive o erotismo. Por conseguinte, tudo se passa como se os prisioneiros tivessem nostalgia daquela posse sem gozo, que se realiza no capitalismo, e pela qual “se é escravo daquilo que se possui” (*OEC 1, p. 118=127*): posse negada a eles. Nas desumanas condições de vida do stalag, os prisioneiros, frustrados em sua ânsia de posse, procuram revivê-la no “mundo canibal” de um erotismo desfigurado. Na trama narrativa da escrita levinasiana, termina faltando qualquer “situação” que possa corresponder ao significado fenomenológico do eros, à possibilidade de gozo sem a posse que o caracteriza.

A ausência de uma descrição narrativa da carícia erótica

Se quisesse sintetizar a análise das provas narrativas inacabadas de Levinas numa única imagem conclusiva, escolheria a imagem da carícia, mais precisamente a ausência de uma descrição narrativa - de um primeiro plano - da carícia erótica: uma noção sobre cujo significado Levinas se detém em seus textos filosóficos, tanto naqueles publicados em vida quanto nos inéditos, publicados recentemente. O que está em jogo na montagem de *Eros ou Triste opulência* - e, mesmo que de um modo diverso, em *La Dame de chez Wepler* - é paradoxalmente a impossibilidade narrativa da carícia em seu significado erótico, que, contrariamente, tanto na obra publicada quanto nos inéditos, se manifesta na encenação fenomenológica da relação com o outro que conduz o desejo para além do ser. Nos limites da obra publicada, Jacques Derrida já havia se dado conta disto. Em seu primeiro estudo sobre Levinas, Derrida

não deixou de observar: “Em *Totalidade e Infinito*, a ‘Fenomenologia de Eros’ descreve o movimento da *epekeina tès ousias* (para além da essência) na própria experiência da carícia”²⁸.

Na realidade, em *La Dame de chez Wepler*, algumas cenas fugazes de carícia estão presentes, mas se trata de uma carícia explicitamente privada de eros. O protagonista, que vive com uma estudante comum de província uma aventura sexual que o entedia, encontra nas carícias que se fazem sempre mais ousadas uma maneira de passar o tempo, até o ponto de se atordoar e escapar da relação amorosa. “As horas das tardes que ela vinha agora passar com ele eram intermináveis, e então Riberat descobriu uma maneira de as suportar. Suas carícias se tornaram mais atrevidas. O turbamento que se chama físico por sua violência, pela firmeza do preceito mediante o qual é conquistado, Riberat o procurava desde então como uma embriaguez. Ah, se Suzanne soubesse que ele a acariciava para não ter de suportar o seu amor” (*OEC 3*, p. 120). De onde provinha este embaraço, esta inquietude, esta transformação da carícia em antídoto do tédio? “O apaixonado que busca a presença do ser amado se aproxima mediante muitas preliminares que recebem o seu charme da promessa daquela presença: quando o estágio dessas preliminares transcorreu, quando nada mais se pode dizer, nem fazer em comum, quando há apenas a presença do outro – a carícia ou o tédio é tudo o que resta. Eis o motivo por que as pessoas se casam. Eles envolvem seu amor com uma porção de coisas para se fazer juntos (...) indispensáveis para se enganar a angústia ou o tédio que emanam do outro” (*OEC 3*, p. 120-121).

Em nenhum dos dois romances levinasianos inacabados há espaço para o “primeiro plano” da carícia como saída erótica do mal do ser. Levinas não consegue oferecer uma descrição narrativa dela. Contrariamente, a análise fenomenológica descobre na base da carícia a copresença de gozo e desejo. De fato, não é por acaso que, nas “notas filosóficas sobre eros”, que são da mesma época, Levinas escreve

²⁸ “Dans *Totalité et Infini*, la ‘Phénoménologie de l’eros décrit le mouvement de l’*epekeina tes ousias* dans l’expérience même de la caresse”. DERRIDA, J.- *L’écriture et la différence*, Paris: Seuil, 1967, p. 127.

incisivamente que “o essencial da carícia é o prazer” (*OEC* 3, p. 180): um prazer erótico, que não elimina o estranhamento dos termos, mas se alimenta justamente da sua irreduzível dualidade, do impossível triunfo da unidade. Um prazer deste tipo, todavia, não podia ser vivido e descrito naquela negação do ser-no-mundo que foi a experiência desumanizante da prisão²⁹, a cujo horizonte devem ser remetidas esses dois experimentos narrativos abandonados por Levinas.

Em seus escritos filosóficos, se distingue o eros da necessidade porque, no primeiro, a dualidade não desaparece, mas, ao contrário, constitui a substância do gozo, ao passo que no segundo triunfa a unidade, a superação da distância, a assimilação do objeto. Exatamente esta distinção fenomenológica do eros em relação à necessidade – esta preservação da dualidade com base no gozo – é aquilo que as descrições narrativas dos dois esboços de romance não conseguem colocar em cena, dominados que são pela relação solitária do ser que se afirma sobre a base da situação do fim do mundo. Cremos não ser impossível lançar a hipótese de que este *impasse* - obscuramente notado pelo próprio Levinas – tenha excluído a possibilidade de dar um acabamento à dimensão narrativa desse discurso, abrindo desta sorte a via para uma descrição não mais narrativa, mas fenomenológica de eros. Transição que irá culminar com a tão repetida denominação “Fenomenologia de eros” de *Totalité et Infini*, em cuja escrita original e chamativa será relida em filigrana, desde então, a sombra desta longa gênese literária.

²⁹ A partir da qual se deve ler também a famosa inversão do fragmento de Rimbaud no incipit de *Totalité et Infini* (“La vraie vie est absente”. Mais nous sommes au monde”, TI, p. 3 = 31, ao passo que Rimbaud havia dito “La vraie vie est absente. Nous ne sommes pas au monde”), como tentei mostrar em: “La vraie vie est absente’. Levinas, être au monde et la question du sens”, in: *Arrachement et evasion. Levinas et Arendt face à l’histoire*, org. BOTBOL-BAUM, M/ROVIELLO, A.-M, (“Annales de l’institut de philosophie de l’université de Bruxelles”), Paris: Vrin, 2013, pp. 13-24.